

## **O pioneirismo das mulheres no esporte e o protagonismo das atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020**

### **The pioneerism of women in sports and the protagonism of brazilian athletes in the Tokyo - 2020 Olympic Games**

DOI:10.34117/bjdv9n1-388

Recebimento dos originais: 23/12/2022

Aceitação para publicação: 27/01/2023

#### **Cláudio Delunardo Severino**

Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias

Instituição: Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA)

Endereço: Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, 1325, Três Poços, Volta Redonda – RJ,  
CEP: 27240-560

E-mail: claudio.severino@foa.org.br

#### **Jéssica Silva de Moraes**

Graduanda em Educação Física

Instituição: Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA)

Endereço: Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, 1325, Três Poços, Volta Redonda – RJ,  
CEP: 27240-560

E-mail: jessica.moares@foa.edu.br

#### **RESUMO**

O esporte e a prática de exercícios físicos há muito tempo fazem parte da formação humana, mas nem sempre todos puderam vivenciar tal prática, pois às mulheres não era sequer permitido assistir às exibições e competições esportivas. Mesmo com avanços perceptíveis, as condições para a inserção das mulheres no universo das práticas esportivas ainda se encontram bem inferiores se comparadas às dos homens. Entretanto, mesmo com a resistência estabelecida pelo discurso hegemônico que justifica uma sociedade desigualitária, as mulheres atletas brasileiras vêm assumindo o seu protagonismo. Para compreender um pouco dessa trajetória, o presente artigo tem como objetivo analisar aspectos associados à desigualdade de gênero presente no universo esportivo e relacioná-las com o protagonismo de atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020, tanto no cenário esportivo como no contexto social. Como caminho metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se uma revisão bibliográfica por meio da pesquisa descritiva com base nos estudos realizados por autores e autoras que auxiliaram na compreensão, numa perspectiva histórica, das distinções de gênero nos cenários social e esportivo e também na luta por direitos igualitários quanto à participação de homens e mulheres nos Jogos Olímpicos. Foram consultadas as fontes de dados bibliográficas: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (Portal da Capes), Scielo e Google Scholar. Também se utilizou como fonte de pesquisa reportagens e crônicas esportivas referentes a participação das atletas brasileiras em Tóquio – 2020 e que são mencionadas no presente artigo. Percebeu-se que, Apesar do reconhecido crescimento da presença da atleta brasileira nos Jogos Olímpicos, faz-se necessária a observação de que muito ainda há a ser rompido. Por exemplo, a conscientização de que o esporte é um espaço no qual não se permite mais a

desqualificação do desempenho de uma atleta mulher, sempre à sombra dos resultados obtidos pelos homens.

**Palavras-chave:** mulher, esporte, protagonismo, igualdade, gênero.

## ABSTRACT

Sports and physical exercise have long been part of human development, but not everyone has always been able to experience such practice, since women were not even allowed to watch sports exhibitions and competitions. Even with perceptible advances, the conditions for the insertion of women in the universe of sports practices are still far inferior when compared to those of men. However, even with the resistance established by the hegemonic discourse that justifies an unequal society, Brazilian female athletes have been assuming their protagonism. In order to understand some of this trajectory, this article aims to analyze aspects associated with gender inequality present in the sports universe and relate them to the protagonism of Brazilian female athletes at the Tokyo Olympic Games - 2020, both in the sports scenario and in the social context. As a methodological path for the development of this research, we used a bibliographic review by means of descriptive research based on studies carried out by authors who helped in the understanding, from a historical perspective, of gender distinctions in the social and sports scenarios and also in the fight for equal rights as to the participation of men and women in the Olympic Games. Bibliographic data sources were consulted: Journal Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes Portal), Scielo and Google Scholar.. It was also used as a source of research reports and sports chronicles referring to the participation of Brazilian athletes in Tokyo - 2020 and that are mentioned in this article. It was noticed that, despite the recognized growth of the presence of the Brazilian athlete in the Olympic Games, it is necessary to observe that there is still a lot to be broken through. For example, the awareness that sport is a space in which the disqualification of a woman athlete's performance, always in the shadow of the results obtained by men, is no longer allowed.

**Keywords:** woman, sport, protagonism, equality, gender.

## 1 INTRODUÇÃO

Na história dos Jogos Olímpicos, a presença de atletas mulheres vem apresentando notório crescimento. Entretanto, foi apenas na edição dos jogos de 2012, realizados em Londres, que todos os países participantes contaram com pelo menos uma mulher em suas respectivas delegações (FORNARI et al., 2019). Apesar desses reconhecidos avanços, Jaeger e colaboradores (2010) lembram que o esporte é compreendido como um dos espaços onde as desigualdades entre homens e mulheres são acentuadas. No entanto, os mesmos autores (2010, p. 248) complementam com a afirmação de que “o esporte é historicamente produzido, socialmente construído e culturalmente definido, por isso mesmo é um lugar que pode ser transformado”. Transformado também a partir da compreensão de que, segundo Goellner (2012), o esporte é uma prática social que deve

ser vista como sexuada, pois é praticada por ambos os sexos, e também como generificada, pois nele são construídas identidades masculinas e femininas.

E ao refletir a respeito dessa transformação, surge a percepção da relevância das mulheres no universo esportivo a partir da sua visibilidade e da necessidade de reconhecimento em todas as instituições sociais (SANTANA; SILVA, 2015). Ressalta-se ainda que o esporte e a prática de exercícios físicos há muito tempo fazem parte da formação humana, mas nem sempre todos puderam vivenciar tal prática, pois às mulheres não era sequer permitido assistir às exibições e competições esportivas. Goellner (2005) complementa com a afirmação de que mesmo com muitos avanços, as condições para a inserção das mulheres no universo das práticas esportivas, seja no esporte de rendimento, no lazer ou em qualquer outro formato, ainda se encontram bem inferiores se comparadas às dos homens.

No Brasil e não somente no campo esportivo, o percurso da educação das mulheres tem se caracterizado por um conjunto de lutas contra as restrições que lhes foram impostas em diversos períodos históricos. Baseada em uma educação europeia tradicional, a sociedade brasileira se consolidou como patriarcal, com o poder plenamente exercido pelo homem (BAHIA; SILVA, 2018). E essa sociedade patriarcal, no anseio da valorização da família e da higienização dos corpos, considerava - e talvez ainda o faça - a mulher deve ser feminina e bela para que os seus papéis viessem a ser devidamente cumpridos, ou seja, o casamento e a procriação (GOELLNER, 2016). Tais papéis, concentrados na força da ordem masculina, são impostos diante de uma completa falta de necessidade da apresentação de argumentos que porventura venham a legitimá-la, pois, como no esporte, a estrutura social expõe a dominação masculina a partir das divisões de atividades atribuídas ao homem e à mulher, muitas vezes por razões injustificáveis (BOURDIEU, 2012).

Diante da questão acima mencionada, Goellner (2016) comenta ainda que a inserção da mulher no cenário esportivo passava a ser pouco ou nada considerada, pois ao romper essa barreira que estabelecia limites e diferenças, ela poderia alterar o seu corpo, interferir em seu comportamento e despertar desejos nem sempre controlados, o que acarretaria a possibilidade de desestabilizar as representações de gênero socialmente construídas. Sobre isso, nota-se que se faz presente no universo esportivo uma disputa política na qual se reproduzem distintas relações de poder onde o corpo feminino, inferiorizado, torna-se o alvo principal (FERREIRA JUNIOR, 2021).

Mesmo com a resistência estabelecida pelo discurso hegemônico que justificava uma sociedade desigualitária, as mulheres atletas brasileiras vêm assumindo o seu protagonismo. E essa trajetória se inicia com Maria Lenk, nadadora que foi a primeira mulher a representar o Brasil em Jogos Olímpicos em 1932 e que iniciou um lento e sinuoso caminho até a década de 1990, quando o esporte passa a ser uma oportunidade profissional para as mulheres e que, com autonomia e empoderamento, passam a se aperfeiçoar e a participar de competições importantes, alcançando resultados cada vez mais relevantes (RUBIO, 2021).

E esse caminho continua sendo percorrido, como pôde ser comprovado na edição dos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020, realizada em 2021. Para compreender um pouco dessa trajetória, o presente artigo tem como objetivo analisar aspectos associados à desigualdade de gênero presente no universo esportivo e relacioná-las com o protagonismo de atletas brasileiras nos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020, tanto no cenário esportivo como no contexto social.

Muito embora as brasileiras tenham alcançado resultados significativos em diversas modalidades – Maratona Aquática, Vela, Ginástica Artística, Skate, Boxe, Voleibol, Tênis e Judô -, é estabelecido aqui o enfoque em apenas três atletas: Ana Marcela Cunha (Maratona Aquática), Rebeca Andrade (Ginástica Artística) e Rayssa Leal (Skate).

O estudo se justifica pela obtenção de informações e conhecimentos teóricos a respeito da participação das mulheres atletas brasileiras em Jogos Olímpicos, bem como uma oportunidade para que docentes e acadêmicos tenham uma compreensão acerca do esporte e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no sentido de fazer com que ele se caracterize como um espaço igualitário, independente do gênero de seus praticantes.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia deve ser reconhecida como um momento fundamental para a elaboração de seu estudo científico e, também, um instrumento que estabelece os limites e as possibilidades dos caminhos da pesquisa (SANTOS, 2018).

Como caminho metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se uma revisão bibliográfica por meio da pesquisa descritiva com base nos estudos realizados por autores e autoras que auxiliaram na compreensão, numa perspectiva histórica, das distinções de gênero nos cenários social e esportivo e também na luta por

direitos igualitários quanto à participação de homens e mulheres nos Jogos Olímpicos. Foram consultadas as fontes de dados bibliográficas: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (Portal da Capes), Scielo e Google Scholar. Também se utilizou como fonte de pesquisa reportagens e crônicas esportivas referentes a participação das atletas brasileiras em Tóquio – 2020 e que são mencionadas no presente artigo.

A respeito da construção do referencial teórico do artigo, esta ocorreu a partir do estabelecimento de três tópicos. O primeiro se refere a trajetória das mulheres na sociedade, apontando as suas conquistas a partir de lutas e rompimentos de algumas barreiras, inclusive acerca de sua participação no universo esportivo. O segundo expõe breve histórico da inserção das mulheres brasileiras no esporte, apresentando histórias de atletas que, com a superação de preconceitos, muito contribuíram para o entendimento do esporte como um espaço democrático, independentemente de gênero, raça ou posição social. Por fim, no terceiro tópico, é abordada a participação de atletas brasileiras na edição dos Jogos Olímpicos realizada em Tóquio – 2020, enfatizando a relevância do protagonismo delas no que tange à importância da realização de debates sobre os direitos das mulheres.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 A MULHER NO ESPORTE**

A trajetória das mulheres na sociedade mundial foi estabelecida por meio de muitas resistências, exclusões e tentativas de ruptura de uma ideologia patriarcal. Essa realidade proporcionou, em diversas ocasiões, uma discriminação das mulheres em cenários, por exemplo, no trabalho, na família e em práticas voltadas para o lazer (GIGLIO et al., 2018). Nessa trajetória e obrigadas a uma submissão provocada pela desigualdade, as mulheres, segundo Ribeiro e colaboradores (2013) foram alijadas da participação ativa na sociedade, cabendo a elas apenas o papel de mães e donas de casa. Uma desigualdade que, produzida pelo contexto social, historicamente vem contribuindo para a sujeição da mulher e daquilo que é considerado feminino (CABRAL; PRADO, 2019).

Para Firmino e Ventur (2017), o comportamento da mulher acerca do mundo vem, no decorrer dos anos, alcançando importantes conquistas e quatro fatores podem ser

associados a isso: a ampliação do mercado de trabalho, as inovações tecnológicas, o estabelecimento dos ideais feministas e a globalização

O primeiro deles está associado às oportunidades oferecidas à mulher no campo da educação; o segundo remete ao avanço da tecnologia em áreas como biologia, farmacologia e medicina; o terceiro confirma o início da queda do patriarcalismo; por fim, o último mostra facilidade da comunicação entre vozes femininas que articulavam entre si na busca por espaço (FIRMINO; VENTUR, 2017, p. 251).

Acerca do esporte, o aumento da aceitação das mulheres nas mais diversas competições é um fenômeno cada vez mais observado. Dentre os eventos esportivos, os Jogos Olímpicos representam a maior notoriedade, pois trata-se de um momento no qual são reunidos, a cada 4 anos, os melhores atletas do planeta de cada uma das mais diversas modalidades. Esses/essas atletas são, conforme Goellner (2016) são vistos como como modelos de determinação, superação e ética, valores os quais são associados a princípios inerentes das relações sociais, apesar de os Jogos serem, em diversas ocasiões, repletos de injustiças, desigualdades e desrespeito às minorias.

Em seus estudos, Firmino (2019) aponta que na primeira edição dos Jogos da Era Moderna, realizado em Atenas no ano de 1896, 43 países foram representados por 211 atletas, sendo relevante a observação de que nenhuma mulher participou das competições. Nota-se que desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos, o esporte apresenta características de algo que foi pensado pelos homens e para os homens, marcando, portanto, a sua generificação (GOELLNER, 2016).

Como nos Jogos da Era Antiga, manteve-se a proibição da participação das mulheres nas competições, pois isso seria conceder a elas o exercício do papel de cidadãs, mesma restrição estabelecida aos negros. Nota-se que na primeira edição dos Jogos da Era Moderna, prevalece o conceito a respeito da “fragilidade feminina”, onde a mulher depende do homem em todas as situações e com direitos absolutamente restritos. Mesmo assim, apesar da proibição estabelecida pelo Barão Pierre de Coubertin, outros membros do Comitê Olímpico Internacional eram favoráveis à participação das mulheres nos Jogos (FIRMINO; VENTUR, 2017).

Assim, na segunda edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Paris no ano de 1900, algumas modalidades foram permitidas às mulheres, como o golfe, a vela e o tênis, pois eram considerados como belos esportes, além de não ocorrer o contato físico

durante as competições. Já nos Jogos de 1904, realizados em Saint Louis, houve apenas a participação das mulheres nas competições de tiro com arco (OLIVEIRA et al., 2008).

### 3.2 O ESPORTE OLÍMPICO E A MULHER BRASILEIRA: PRIMEIRAS PARTICIPAÇÕES

Quanto ao Brasil, a inserção das mulheres no universo esportivo se inicia em meados do século XIX. Contudo, somente a partir das primeiras décadas do século XX que essa participação passou a ganhar alguma notoriedade (GOELLNER, 2005). A considerar a participação em Jogos Olímpicos, a nadadora Maria Lenk foi a primeira brasileira - e sul-americana - a disputar a competição, em sua edição realizada na cidade de Los Angeles, em 1932. Segundo Romariz e colaboradores (2007), naquela edição a delegação brasileira foi composta por 67 atletas, sendo Maria Lenk a única mulher. Observa-se que mesmo que Maria Lenk não tenha conquistado nenhuma medalha olímpica, ela se envolveu na organização do esporte e teve uma participação significativa na conquista de espaço no esporte nacional por parte das atletas, sendo a primeira mulher a integrar o Conselho Nacional de Desportos, em 1960 e, nessa condição, estabelecer forte oposição ao Decreto-lei nº 3.199 (1941-1975) que estabelecia: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Essas práticas não compatíveis seriam: lutas de qualquer natureza, Futebol de campo, praia e salão, Pólo Aquático, Halterofilismo e Basebol, como estabelecia a Deliberação nº 7 do mesmo Decreto. (FIRMINO; VENTUR, 2017).

Já em 1948, nos Jogos disputados em Londres, Mêlania Luz dos Santos, se tornou a primeira mulher negra a representar o Brasil nesta competição. Corredora, Mêlania disputou as séries iniciais dos 200 metros rasos e do revezamento 4x100 metros, não conseguindo se classificar para as fases seguintes. Poucos anos depois, Mêlânia abandona o Atletismo devido a dificuldade em conciliar os treinamentos e competições com o seu trabalho (FERREIRA JUNIOR, 2021).

Posteriormente, Wanda Santos, corredora, participou dos Jogos realizados em Helsinque, Finlândia, em 1952. Humilde, moradora da zona Norte e auxiliar de escritório e assim como Mêlânia, Wanda chamou a atenção de todos por ser negra, o que nos remete à reflexão acerca do esporte, gênero, raça e trabalho (ROMARIZ et al., 2007).

Seguindo a trajetória de ser a única mulher participante de uma delegação brasileira que foi a uma edição de Jogos Olímpicos, Romariz e colaboradores (2007)

mencionam Mary Dalva Proença, atleta dos Saltos Ornamentais, que representou o país em Melbourne, Austrália, em 1956. Segundo os referidos autores, Wanda iniciou a sua relação com a modalidade saltando em um igarapé que ficava nos fundos de sua casa localizada em Belém – PA. Com a família transferida para o Rio de Janeiro em decorrência do trabalho de seu pai, teve a oportunidade de treinar com a equipe do Fluminense, mas com o retorno à cidade natal, teve a sua carreira interrompida, pois não poderia permanecer sozinha no Rio de Janeiro, já que, para os padrões morais, não ficava bem uma moça solteira morar longe de sua família.

A respeito dessa questão, percebe-se um posicionamento preestabelecido naquele período, que define a mulher “perfeita” como aquela que era a moça comportada, mãe dedicada e que tinha no lar o seu devido lugar, apresentando sempre um comportamento doce e servil, bem distante da esfera política e do campo das decisões associadas ao destino da sociedade (DAVIS, 2016). Isso significava que o lar havia sido estabelecido como o lugar destinado às mulheres, sendo concedido a estas a criação de seus futuros filhos e o atendimento às necessidades de seus respectivos maridos, tornando-as serviçais de seus companheiros.

No percurso histórico cumprido pelas mulheres atletas que representaram o país em Jogos Olímpicos, Aída dos Santos, pentatleta, chegou a sofrer com a ideia de seu pai a respeito da prática esportiva e da participação de sua filha em competições, já que ele considerava isso como ‘coisa de vagabundo’, pois não gerava renda à sua família. Apesar disso e superando preconceitos associados à sua condição de mulher, negra e de vida modesta, Aída representou o Brasil nas edições dos Jogos Olímpicos realizados em Roma, Itália, em 1960 e também em Tóquio, Japão, no ano de 1964 (ROMARIZ et al., 2007).

Firmino e Ventur (2017) compreendem que não somente a participação, mas o destaque esportivo das mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos ainda pode ser considerado como relativamente recentes, a considerar que as primeiras medalhas olímpicas conquistadas por nossas atletas ocorreram apenas em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, no Voleibol, Vôlei de Praia e no Basquetebol.

Do pioneirismo de Maria Lenk até as medalhas conquistadas em Tóquio – 2020, passando pelas medalhas de Jaqueline Silva, Sandra Pires, Adriana Samuel e Mônica Rodrigues (Vôlei de Praia) em Atlanta – 1996 – as primeiras conquistadas por brasileiras em Jogos Olímpicos -, muitas histórias poderiam ser contadas, quase em sua totalidade



envolvendo dificuldades enfrentadas pela questão de gênero e o preconceito contra a prática esportiva pelas mulheres (MACHADO, 2021).

### 3.3 FADINHAS, SEREIAS E BAILE DE FAVELA: AS ATLETAS BRASILEIRAS EM TÓQUIO - 2020

Rayssa Leal, atleta brasileira que ficou conhecida como a “fadinha do skate”, comentou em certa ocasião que o *Skate* era um esporte de todo mundo, e não apenas “coisa de menino”. Aos treze anos de idade, Rayssa, maranhense, entrou para a história do esporte como a brasileira mais jovem a conquistar uma medalha olímpica, a prata na categoria *street* no Skate, uma modalidade esportiva que já foi considerada no Brasil como uma prática transgressora por conservadores.

Sua trajetória iniciou-se aos sete anos de idade, quando foi postado um vídeo no qual Rayssa aparece andando de skate fantasiada de Sininho, personagem de Peter Pan, e consegue fazer um *heel flip* em uma escadaria com precisão, surgindo assim o fenômeno “Fadinha”. (ANSHOWINHAS, 2021).

Segundo Brandão (2008), mesmo com um elevado número de praticantes, o passado dessa modalidade esteve vinculado a uma prática marginal, envolvendo jovens drogados e/ou de caráter desviante. A respeito dessa questão, Velozo e Daólio (2013) informam que ocorre uma visão estereotipada tanto dessa modalidade como também de seus praticantes por intermédio de uma dupla identificação do *Skate* como algo ‘não saudável’. A primeira identificação está associada aos problemas de lesões causadas pelos acidentes decorrentes de sua prática, mesmo que isso não seja um problema exclusivo dessa modalidade esportiva.

A segunda identificação diz respeito ao tipo de pessoas que se envolvem com o skate. Pessoas sobre as quais a sociedade teria produzido uma visão estereotipada que as associa ao fumo, às bebidas e às drogas, portanto, ligadas a práticas pouco saudáveis (VELOZO; DAÓLIO, 2013, p. 221).

Percebe-se que esta visão depreciativa associada ao *Skate* muito contribui para a configuração de uma imagem negativa que a sua prática ainda tem diante da visão de muitos indivíduos (VELOZO; DAÓLIO, 2013). Segundo Machado (2021), em se tratando da prática desta modalidade, as mulheres enfrentam dois obstáculos. O primeiro deles associado às dificuldades relacionadas às questões de gênero que valorizam o papel do homem nos mais diversos segmentos da sociedade em detrimento da valorização da

mulher. Quanto à segunda dificuldade, esta se refere aos preconceitos aos praticantes desta modalidade esportiva, apesar de que cada vez mais ela vem obtendo espaço na mídia, sendo reconhecida como a própria Rayssa o descreveu, ‘um esporte de todo mundo’.

Ressalta-se que em relação à cobertura esportiva por veículos midiáticos, mesmo que modalidades como o *Skate* tenham obtido espaço maior, percebe-se que apesar do protagonismo das atletas brasileiras em competições como os Jogos Olímpicos, as disputas envolvendo mulheres ainda apresentam menor tempo de transmissão, sendo estas em diversas ocasiões realizadas em menor qualidade e de maneira monótona (FORNARI et al., 2019).

A atleta da Ginástica Artística Rebeca Andrade, negra, filha de empregada doméstica e criada na periferia de São Paulo, conquistou duas medalhas nos Jogos de Tóquio – 2020, ouro na prova de salto e prata no individual geral. Entretanto, a segunda conquista foi a mais emblemática, quando a ginasta fez uma excelente apresentação na prova de solo ao som do *funk* “Baile de Favela”, ritmo musical que representa uma manifestação cultural que antes era diretamente associada aos jovens das classes periféricas, mas que alcançou uma popularização que lhe concedeu a condição de um dos símbolos culturais do Rio de Janeiro, tanto no Brasil como no exterior (MIZRAHI, 2013).

Para a autora supramencionada, a representação das favelas sempre esteve relacionada a discriminações raciais, sociais e econômicas, onde morar lá significa ser preto e pobre. E em relação a Rebeca Andrade, se torna inevitável não conceber a inserção de uma mulher negra em uma modalidade olímpica desassociando-a de uma história de preconceito, invisibilidade, interdição e transgressão (GOELLNER, 2007).

A favela - ou ‘comunidade’, como ela passou a ser denominada – é um espaço marginalizado assim como suas manifestações culturais, que resultou em uma segregação espacial que levou a população negra para as periferias. Um isolamento que transforma a sociedade em dois mundos distintos e separados: um habitado pela classe mais favorecida e o outro por aqueles considerados inferiores socialmente. (MIZRAHI, 2013; BAUMANN, 2021).

No que tange à relação de uma modalidade esportiva como a Ginástica Artística e uma manifestação cultural como o *funk*, considera-se que o esporte pode ser compreendido de acordo com as interpretações de seus atores a partir das suas características socioculturais (MARQUES et al., 2007). De acordo com Bourdieu (2004),

diante dessa interpretação, a sua prática assume características associadas aos sujeitos envolvidos e o cenário no qual ela ocorre, o que o autor define como ‘efeito de apropriação’.

Visto que o esporte apresenta relação direta com a sociedade e o contexto no qual está inserido, uma conquista vinculada a um gênero musical considerado como ‘de favela’ representa uma manifestação sociopolítica e cultural, que percebe a prática esportiva como um campo fecundo para discussões voltadas para a transformação de valores e atitudes. Todavia, nota-se ainda o esporte como uma instituição social generificada onde a exclusão e a distinção de status e poder são percebidas, principalmente as relacionadas às mulheres, negros, homossexuais e outras minorias (COSTA; SANTOS, 2018; GOMES, 2021).

Com a vitória na Maratona Aquática nos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020, Ana Marcela Cunha, nadadora especialista em provas de longa distância disputadas em águas abertas, se tornou a primeira atleta brasileira a conquistar uma medalha de ouro olímpica. Com um currículo invejável, Ana Marcela havia conquistado anteriormente 10 medalhas em Campeonatos Mundiais em 14 provas disputadas – 4 de ouro, 2 de prata e 4 de bronze; 33 pódios em Copas do Mundo – 18 ouros, 10 pratas e 5 bronzes –; três medalhas em Grand Prix – duas de ouro e uma de prata –; um ouro nos Jogos Pan-Americanos de Lima 2019, entre outras conquistas (MAGALHÃES, 2020).

Ainda na reportagem realizada por Magalhães (2021), Ana Marcela, ao ser questionada a respeito da boa participação das atletas brasileiras nos Jogos de Tóquio – 2020, resumiu em poucas, mas claras palavras a sua opinião sobre o papel da mulher no esporte: ‘mulher pode ser o que ela quiser, onde ela quiser e na hora que quiser’.

Abertamente homossexual, Ana Marcela dedicou a sua conquista a todos aqueles que lutam pela defesa dos direitos das mulheres e das pessoas LGBTQIA +, citando também a sua namorada nos agradecimentos. Diante desse tema, nota-se que a partir do preestabelecimento de padrões por parte da sociedade, o indivíduo é amoldado como homem ou mulher, ou seja, se nascido fêmea, torna-se mulher, o mesmo ocorrendo com o macho, que deverá cumprir o papel de homem, fazendo com que qualquer comportamento dissonante disso seja desaprovado por considerável parte da sociedade (SEVERINO; GRANDE, 2017).

Goellner (2010) observa que aceitar o fato de que ser diferente não pode ser considerado como ser desigual, sendo cada vez mais necessário que seja incluído nos

debates sobre o reconhecimento da diversidade. Tornam-se necessário, portanto, atitudes que propiciem a discussão a respeito da diversidade sexual não somente no esporte, mas em todos os segmentos para que se almeje uma sociedade desprovida de preconceitos e manifestações contrárias aos direitos de cidadãos e cidadãs.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebeu-se que no cenário olímpico, a participação das atletas brasileiras progrediu de maneira considerável, desde o pioneirismo de Maria Lenk até as conquistas de Ana Marcela Cunha, Rebeca Andrade, Rayssa Leal e muitas outras que alcançaram êxito em suas respectivas modalidades. A crescente participação e os resultados alcançados pelas mulheres nos Jogos Olímpicos ocorreram a partir de lutas, questionamentos e a ruptura de um discurso hegemônico no qual prevalece o conceito de que aos homens cabem sempre as melhores oportunidades, desprezando, portanto, a equidade de gêneros. Considera-se, portanto, que o protagonismo alcançado pelas atletas brasileiras na edição dos Jogos Olímpicos de Tóquio – 2020 seja, de certa maneira, o resultado da mudança de paradigma por parte da sociedade, que percebe cada vez mais a relevância da presença das mulheres em todos os âmbitos.

Apesar do reconhecido crescimento da presença da atleta brasileira nos Jogos Olímpicos, faz-se necessária a observação de que muito ainda há a ser rompido. Por exemplo, a conscientização de que o esporte é um espaço no qual não se permite mais a desqualificação do desempenho de uma atleta mulher, sempre à sombra dos resultados obtidos pelos homens.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de que não somente as mulheres, mas também outras minorias – negros, nordestinos e homossexuais, por exemplo - merecem obter o respeito e a valorização por parte de uma sociedade que, infelizmente, se apresenta invariavelmente como discriminatória.

Por fim, sugere-se que seja oportunizada continuidade de estudos associados a este tema com intuito de cada vez mais se perceber com clareza a importância de se combater o preconceito e a desigualdade no cenário esportivo e na sociedade em geral.

## REFERÊNCIAS

ANSHOWINHAS, Paulo. Rayssa Leal vence Troféu Inspire do COB em votação popular. Uol, 07 Dez. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/paulo-anshowinhas/2021/12/07/campea-do-premio-brasil-olimpico-e-fenomeno-em-carisma-e-marketing.htm>>. Acesso em 31 Jan. 2022

BAHIA, Lygia Maria dos Santos; SILVA, Maria Cecília de Paula. Relações de gênero no esporte: “o belo sexo” na competição de natação em mar aberto - travessia mar grande-salvador, Bahia, Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 569-580, abr./jun., 2018

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

BRANDÃO, Leonardo. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Record: Revista de História de Esporte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-24, dez. 2008

CABRAL, Vitória Teixeira; PRADO, Vagner Matias do. Gênero e esporte: análise de reportagens sobre a participação de mulheres nos jogos olímpicos do Rio de Janeiro. **ARQUIVOS em MOVIMENTO**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.169-188, Jan-Jul, 2019

COSTA, Fábio Soares; SANTOS, Andréia Mendes dos. Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte. **Holos**, Natal-RN, ano 34, v. 5, p. 140-150, 2018

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo-SP: Boitempo, 2016

FERREIRA JUNIOR, Nelson. “Eu fiquei na história. Eu também competi. Não é que me deixaram”: aspectos da inserção da mulher negra no esporte olímpico. In: RUBIO, Katia (Org.). Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta. São Paulo, SP: Laços, 2021

FIRMINO, Carolina Borboletto; VENTUR, Mauro de Souza. A evolução histórica da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna e a inclusão das mulheres no esporte de competição. **Triade**, Sorocaba - SP, v. 5, n. 10, p. 247-260, dez. 2017

\_\_\_\_\_. Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto *dibradoras*. **FuLiA / UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 23-38, jan./abr. 2019

FORNARI, Lucimara Fabiana et al. Perspectiva de gênero nas reportagens sobre mulheres atletas nos jogos olímpicos Rio 2016. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 28, p. 1-14, 2019

GIGLIO, Sérgio Settani et al. Desafios e percalços da inserção da mulher nos jogos olímpicos (1894-1965). **Record**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-22, jan./jun. 2018

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005

\_\_\_\_\_. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, 2007

\_\_\_\_\_. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, p. 71-83, mar. 2010.

\_\_\_\_\_. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 34, p. 45-52, jan./jun. 2012

\_\_\_\_\_. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, jan./ mar. 2016

GOMES, Polyanna. Olimpíada de Tóquio: o esporte reafirmando seu papel sociopolítico. **Brasil de Fato**, 28 Jul. 2021. Disponível em:<<https://www.brasilefato.com.br/2021/07/28/artigo-olimpiada-de-toquio-o-esporte-reafirmando-seu-papel-sociopolitico>>. Acesso em: 28 Jan. 2022

JAEGER, Angelita Alice et al. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 245-267, jan./mar., 2010

LOPES, Adriana Carvalho. A favela tem nome próprio: a (re)significação do local na linguagem do funk carioca. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 369-390, 2009

MACHADO, Raoni Perrucci Toledo. A participação das mulheres olímpicas brasileiras nas modalidades esportivas de aventura até os jogos de 2012. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**, Lavras – MG, v. 5, p. 13-28, 2021

MAGALHÃES, Luiz Roberto. A glória de Ana Marcela Cunha agora é eterna. **Rede do Esporte**, 04 Ago. 2021. Disponível em:< <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/a-gloria-de-ana-marcela-cunha-agora-e-eterna>>. Acesso em: 28 Jan. 2022

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues et al. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, set./dez. 2007

MIZRAHI, Mylene. A institucionalização do funk carioca e a invenção criativa da cultura. **Antíteses**, Londrina – PR, v. 6, n. 12, p. 855-864, jul./dez. 2013

OLIVEIRA, Gilberto et al. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008

RFI. ‘Quando o Brasil da diversidade ganha medalha, Bolsonaro se cala’, diz manchete do Eurosport. **Carta Capital**, 07 Ago. 2021. Disponível em:< <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/quando-o-brasil-da-diversidade-ganha-medalha-bolsonaro-se-cala-diz-manchete-do-eurosport/>>. Acesso em: 31 Jan. 2022

RIBEIRO, Bianca Zacché et al. Evolução histórica das mulheres nos Jogos Olímpicos. **EFDeportes.com Revista Digital**, Buenos Aires, v. 18, n. 179, abr. 2013

ROMARIZ, Sandra Bellas de et al. Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 01, p.207-216, set./dez., 2007

RUBIO, Katia (Org.). Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta. São Paulo, SP: Laços, 2021

SANTANA, Daiane de Oliveira; SILVA, Grasiela Oliveira de Santana. O papel da mulher dentro do contexto esportivo: uma análise a partir do futebol. 2015. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/40349190-O-papel-da-mulher-dentro-do-contexto-esportivo-uma-analise-a-partir-do-futebol.html>>. Acesso em: 28 Jan. 2022

SANTOS, Bruno Freitas. Esporte no contexto escolar: esporte e escola. **Revista Brasileira do Esporte Coletivo**, Vitória de Santo Antão-PE, v. 2, n. 2, p. 4-16, 2018

SEVERINO, Cláudio Delunardo; GRANDE, Rebecca Cerqueira Braga. Educação física escolar, homossexualidade e o reconhecimento da diversidade: um ponto de vista. **Revista Anthesis**, Cruzeiro do Sul – AC, v. 5, n. 9, p. 79-91, jan./jun. 2017

VELOZO, Emerson Luís; DAÓLIO, Jocimar. O skate como prática corporal e as relações de identidade na cultura juvenil. **Revista Iberoamericana de Educación**, México, v. 62, p. 217-231. 2013